

O MAIOR DE TODOS OS MALES

***Roberto Rodrigues**

O título acima foi usado recentemente em uma palestra pelo maior conhecedor do setor sucroenergético, o consultor Caio Carvalho, ao analisar as dificuldades da produção de etanol nos últimos anos e o consequente aumento do seu preço, o que faz este combustível perder competitividade frente à gasolina.

Os males começaram com a crise de crédito de 2008, sucedida pela questão climática. Em 2009, choveu demais durante toda a colheita de cana-de-açúcar, que normalmente se inicia em maio e vai até novembro. Com a chuvarada, quase 60 milhões de toneladas de cana ficaram de pé, não foi possível colhê-las. Além disso, os terrenos em que o canavial foi colhido com chuva ficaram bastante prejudicados com o trânsito de máquinas e caminhões pesados, reduzindo a brotação para o ano seguinte. Chegamos a 2010 com canaviais “pilados” e canas cortadas com atraso, e, portanto, menos desenvolvidas. E 2010 teve uma seca tremenda, reduzindo a produção total de cana em cerca de 50 milhões de toneladas. Com uma agravante: a brotação das soqueiras para o ano seguinte – 2011 – foi péssima, reduzindo o número de plantas por hectare e deixando-as mais fracas e sujeitas ao ataque de pragas e doenças. Como consequência, já se fala em uma “quebra” de safra deste ano superior a 10% sobre a passada, que já foi menor do que a normalidade.

Em resumo: 3 anos seguidos de queda de produção.

Além disso, os investimentos em novas usinas diminuíram drasticamente após a crise de 2008. Até aquele ano o setor crescia 10,5% ao ano e hoje mal chega a 3% ao ano. Como tinha cana já plantada, sem moagem adicional, as safras se alongaram, com mais problemas.

Por outro lado, a demanda continuou aquecida, sobretudo pela venda de carros flex, mas também pelo surgimento de novos usos para o etanol, como a álcoolquímica e outros projetos formidáveis, como é o caso dos bioplásticos, da química fina, dos bio-hidrocarbonetos e do bioquerosene para aviação. Uma empresa norte americana de tecnologia instalada no Brasil, a Amyris, já está produzindo diesel a partir da garapa da cana de maneira competitiva e eficaz, além de outros produtos da mesma matéria prima.

Como não se constrói uma usina de etanol de um ano para o outro – especialmente em função do longo prazo necessário para a implantação dos canaviais essenciais – não há um horizonte claro de diminuição de preços.

Isso se considerarmos apenas o mercado interno, sem falar a provável abertura do mercado americano, onde nosso etanol, já é considerado “avançado”, em relação ao do milho produzido por lá, e onde se fala insistentemente na redução do subsídio para a produção deste combustível.

E por fim, cresce globalmente o interesse pelo etanol como combustível renovável e mitigador do aquecimento global.

Tudo isso exige uma estratégia vigorosa para o setor, tanto governamental quanto privada.

E essa estratégia deve ser de longo prazo, viabilizando a retomada do crescimento de um setor altamente promissor e que vinha atraindo o interesse de poderosos grupos nacionais e estrangeiros.

Mas nada de intervencionismo, coisa retrógada e que não resolve nada, salvo limpar a cara do governo que não se move há anos em termos estratégicos.

E há temas de fundo para resolver.

É o caso dos preços “administrados” da gasolina desde 2005, que impõe um teto aos do etanol: isso inibe investimentos porque comprime a lucratividade.

A questão tributária também pesa bastante e precisa ser revista, reconhecendo as externalidades sociais e ambientais do biocombustível.

A estocagem é outro ponto importante, uma vez que a safra se dá em 8 meses e o consumo em 12: quem banca isso, sendo este produto estratégico?

Enfim, é preciso montar uma estratégia eficiente para promover este setor capaz de mudar a geopolítica global: o maior de todos os males será seu desequilíbrio, porque isso desestrutura novos projetos que são indispensáveis para a retomada sustentável da oferta.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**

FOLHA DE SÃO PAULO - 13/08/2011 - O MAIOR DE TODOS OS MALES